

Adaptando a maternidade

A servidora pública Gabriela Rodrigues Veloso, 49 anos, foi diagnosticada com distrofia muscular na infância. “Os primeiros sintomas começaram quando eu tinha seis para sete anos, foi complicado conseguir tratamento porque, na época, nos anos 1980, ainda havia pouco recurso”, conta. A doença progressiva, que se caracteriza por uma fraqueza muscular generalizada, foi lentamente prejudicando a mobilidade de Gabriela e, em 2009, ela começou a andar de cadeira de rodas.

Mas isso não afastou Gabriela da vontade de ser mãe. Decidiu, então, procurar vários especialistas — fisioterapeutas, ginecologistas, pneumologistas — e percebeu que gerar uma nova vida era possível, desde que com acompanhamento médico de perto. Assim, gerou Miguel, hoje com 11 anos.

Durante a gravidez, Gabriela teve várias dúvidas e questionamentos sobre como seria a maternidade. “Eu tinha um receio anterior, pensando como eu o pegaria no colo, como eu ia levá-lo”, lembra. Mas a família foi se adaptando. Com apoio de Eugênio Peres, pai de Miguel, e dos avós, tudo foi se encaixando.

E, ao contrário do medo que tinha anteriormente, Miguel logo aprendeu a escalar a cadeira da mãe e, atualmente, ajuda a conduzi-la. “Lembro daquele bordão que falam: quando nasce um filho, nasce uma mãe. No meu caso, quando nasceu meu filho, nasceu uma mãe cadeirante”, completa Gabriela.

Mesmo passando pela experiência de mãe de primeira viagem, com novos desafios, ela se depa-rou com um universo cheio de novidades nessa realidade que tanto sonhava. “É tudo muito novo, muito diferente. Mas por mais que você queira muito, seja muito apaixonado pela ideia, sempre tem aquela adaptação inicial”, pontua Gabriela.

A servidora pública, que sempre colocou a “cara no sol” para fazer as coisas, seja na vida profissional, seja na pessoal, utilizou-se do mesmo ânimo na maternidade. “A forma que a gente se coloca faz muita diferença, de mostrar que é capaz”, afirma.

Atualmente, a coragem de experimentar uma maternidade atípica gerou um filho com autonomia e felicidade, e uma mãe muito independente e realizada. “Tem a insegurança, mas nada que seja impossível. Vale muito a pena, nós aprendemos um novo tipo de amor. É diferente, é incondicional”, finaliza Gabriela.

Fotos: Ed Alves/CB/DA.Press



Eliene Gonçalves descobriu no Alexander uma nova forma de amar.

Descobrimo um novo amor

Para Eliene Gonçalves de Paula, a forma de ver a maternidade mudou depois da chegada de Alexander, há quatro anos. Ela investe todo seu tempo nos cuidados dos quatro filhos e também no projeto Família Acolhedora, do instituto Aconchego. Participa acolhendo crianças em seu lar, temporariamente, até que possa ser feita a reintegração familiar.

Mãe biológica de Divino De Paula Vieira, 26 anos, Pollyane De Paula Araújo, 22, e Laís De Paula Araújo, 13, ela acolheu Alexander quando o garoto tinha 7 anos. Diagnosticado com TEA (transtorno do espectro autista) no nível dois, essa nova experiência de maternidade tem sido mais complexa para Eliene. “Eu me interessei pela história dele, só que tinha grandes desafios. Eu ainda não tinha tido uma criança com TEA e foi tudo muito novo, porque eu fui aprendendo na prática do dia a dia, e ele foi aprendendo também”, afirma.

O menino, hoje com 11 anos, é explorador e curioso, e Eliene já se adaptou ao jeito do filho. No começo, Alexander tinha seletividade alimentar e algumas sensibilidades. “Quando ele chegou,

a questão do toque foi um desafio, porque ele não deixava eu tocar, e eu não sabia muito a técnica de fazer essa aproximação” conta. Mas, passados alguns meses, com várias tentativas e amor, Eliene e Alexander foram nutrindo, de forma recíproca, mais confiança.

Assim, Eliene aprendeu a perceber e a entender o jeito do filho. E, com muita observação, hoje levam a vida de forma mais leve, ainda com desafios, como toda maternidade, mas também com muito amor e empatia. Atualmente, Alexander é não verbal e tem acompanhamento de toda uma equipe, que trabalha no desenvolvimento do garoto. Além desse suporte, antes da adoção, a família de Eliene ajudou completamente a decisão e agora ajuda a mãe na criação. “Quando eu preciso sair para algum lugar que ele não consegue ir, minha irmã e meu sobrinho ajudam”, conta Eliene, feliz com a rede de apoio que construiu.

***Estagiária sob a supervisão de Sibeles Negromonte**